

Universidades Lusíada

Fernandes, Vítor Manuel Ramon, 1960-

O golpe de 1953 no Irão : principais causas e consequências

<http://hdl.handle.net/11067/7238>

<https://doi.org/10.34628/fx05-w048>

Metadados

Data de Publicação 2023-11

Resumo Em agosto de 1953, os Estados Unidos da América e o Reino Unido orquestraram um golpe de Estado no Irão, através da Central Intelligence Agency (CIA) e dos serviços secretos britânicos, o British Secret Intelligence Service (SIS), respetivamente, para depor o primeiro-ministro democraticamente eleito da altura, Mohammad Mosaddeq. O golpe ocorreu, fundamentalmente, em resposta à decisão de Mosaddeq de nacionalizar a Anglo-Iranian Oil Company (AIOC). Tendo em consideração que os britânicos já se t...

In August 1953, the United States of America and the United Kingdom orchestrated a coup d'état in Iran through the Central Intelligence Agency (CIA) and the British Secret Intelligence Service (SIS), respectively, in order to overthrow Iran's democratically elected prime-minister, Mohammad Mosaddeq. The coup d'état occurred, largely, in response to Mosaddeq's decision to nationalize the Anglo-Iranian Oil Company (AIOC). Given that the British had already withdrawn from Iran and reduced their pre...

Palavras Chave Irão - História - Golpe de Estado, 1953, Irão - Relações externas - Estados Unidos, Estados Unidos - Relações externas - Irão, Irão - Relações externas - Grã-Bretanha, Grã-Bretanha - Relações externas - Irão, Irão - Relações externas, Estados Unidos - Relações externas, Grã-Bretanha - Relações externas

Tipo article

Revisão de Pares yes

Coleções [ULL-FCHS] LPIS, n. 25-26 (2023)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-22T00:23:46Z com informação proveniente do Repositório

O GOLPE DE 1953 NO IRÃO: PRINCIPAIS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Vítor Ramon Fernandes

Professor de Relações Internacionais na Universidade Lusíada de Lisboa
Investigador Integrado no CEJEA (Centro de Estudos Jurídicos, Económicos e Ambientais)
Membro de Wolfson College, University of Cambridge, UK

vrf@edu.ulusiada.pt

ORCID: 0000-0001-7846-7987

DOI: <https://doi.org/10.34628/fx05-w048>

Data de submissão / Submission date: 12.09.2023

Data de aprovação / Acceptance date: 25.10.2023

Resumo: Em agosto de 1953, os Estados Unidos da América e o Reino Unido orquestraram um golpe de Estado no Irão, através da Central Intelligence Agency (CIA) e dos serviços secretos britânicos, o British Secret Intelligence Service (SIS), respetivamente, para depor o primeiro-ministro democraticamente eleito da altura, Mohammad Mosaddeq. O golpe ocorreu, fundamentalmente, em resposta à decisão de Mosaddeq de nacionalizar a Anglo-Iranian Oil Company (AIOC). Tendo em consideração que os britânicos já se tinham retirado do Irão, e reduzido significativamente a sua influência no país, não lhes foi possível alterar a situação política de forma isolada. Assim, tendo por base argumentos associados às preocupações da Guerra-Fria decidiram solicitar o apoio dos Estados Unidos, invocando receios de expansão por parte da ex-União Soviética e, desse modo, conseguiram convencer o Presidente Eisenhower a participar no golpe. No seguimento do golpe, Mohammad Reza Shah Pahlavi, o Xá do Irão, regressou ao poder, com um poder quase absoluto e o apoio do Ocidente. Até 1953, o Reino Unido era considerado como um país imperialista e colonizador enquanto os Estados Unidos eram vistos como um país amigo e anti-imperialista. Por esse motivo, a participação dos Estados Unidos no golpe foi considerada como uma traição e gerou um sentimento antiamericano, e até certo ponto antiocidental, que ainda perdura presentemente e pode ajudar a explicar, juntamente com outros eventos posteriores, a natureza das relações entre o Irão e os Estados Unidos da América.

Palavras-chave: Estados Unidos da América; Reino Unido; Golpe de Estado; Mosaddeq; Mohammad Reza Shah Pahlavi.

Abstract: In August 1953, the United States of America and the United Kingdom orchestrated a coup d'état in Iran through the Central Intelligence Agency (CIA) and the British Secret In-

telligence Service (SIS), respectively, in order to overthrow Iran's democratically elected prime-minister, Mohammad Mosaddeq. The coup d'état occurred, largely, in response to Mosaddeq's decision to nationalize the Anglo-Iranian Oil Company (AIOC). Given that the British had already withdrawn from Iran and reduced their presence in the country quite significantly, it was not possible for them to reverse the situation solely. Consequently, and based on arguments related to the Cold War concerns, they decided to request the support of the United States, citing fears of an expansion by the ex-USSR and ended up convincing President Eisenhower to participate in the coup. Following the coup, the Shah of Iran, Mohammad Reza Shah Pahlavi, returned to power, and indeed with absolute power and the support of the West. Until 1953, the United Kingdom was considered an imperialist state whereas the United States were seen as a friendly state and an anti-imperialist one. For that reason, the participation of the United States in the coup was considered as betrayal and generated an anti-American sentiment, and to some extent also anti-Western, that persists until today and may help understand, along with other subsequent events, the nature of the relation between Iran and the United States of America.

Keywords: United States of America; United Kingdom; Coup d'état; Mosaddeq; Mohammad Reza Shah Pahlavi.

Introdução

O Irão, oficialmente República Islâmica do Irão¹, é um país situado na Ásia Ocidental. Trata-se de um país fascinante, com uma história e uma cultura riquíssimas. É uma das nações mais antigas do mundo, com uma história repleta de glórias, habitado por líderes tais como Cyrus, Darius e Xerxes.² O seu povo é também conhecido pela sua hospitalidade e carácter afável. Dito isto, o Irão é um país que tem sido objeto de múltiplos interesses ao longo do tempo, tal como sublinha Calvocoressi quando refere que

Desde Alexandre o Grande que nunca foi objeto do imperialismo ocidental, apesar de ter sido forçado a submeter-se em certas ocasiões, particularmente aos Britânicos e aos Russos.³

É particularmente tendo esta última reflexão como pano de fundo que pretendo analisar uma dessas situações em que o Irão se viu obrigado a submeter-se à vontade de países terceiros, mais concretamente, duas potências ocidentais, com consequências que, porventura, ainda têm relevância no presente. Esse acontecimento alterou significativamente a natureza das relações entre o Irão e os EUA, muito antes da ocorrência da Revolução Islâmica

¹ Doravante, utilizar-se à a designação de Irão, como é habitualmente designado este país e para efeitos de simplificação.

² Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), p. 17.

³ P. Calvocoressi, *World Politics Since 1945*, Essex: Pearson Education Limited (2009), p. 376. No original: "It has never since Alexander the Great been subject to western imperialism, although it has been obliged on occasions to humble itself before them, particularly the British and the Russians". Todas as traduções são da minha inteira responsabilidade.

no Irão em 1979. O principal argumento é que, a deterioração das relações entre o Irão e os EUA se iniciou após esses acontecimentos, ocorridos em 1953 e não em 1979, como é frequentemente considerado.⁴

Mais concretamente em relação a 1953, em agosto desse ano, os EUA e o Reino Unido organizaram, através da Central Intelligence Agency (CIA), juntamente com o Reino Unido, através do seu British Secret Intelligence Service (SIS), um golpe de Estado no Irão com o objetivo de afastar o primeiro-ministro democraticamente eleito, Mohammed Mosaddeq. Este golpe foi, em larga medida, uma resposta à nacionalização da Anglo-Iranian Oil Company (AIOC)⁵ ordenada pelo mesmo. Derivado do facto dos britânicos já terem sido forçados a retirarem-se do Irão e, por essa razão não terem a capacidade de efetuarem o golpe sozinhos, solicitaram a ajuda dos EUA utilizando como argumento para o efeito preocupações ligadas à guerra fria, mais precisamente, o receio de uma expansão soviética na região.⁶

De salientar que outros eventos importantes ocorreram no Irão posteriormente a 1953, e não só, entre os quais merece destaque a Revolução Islâmica em 1979, que envolveu vários acontecimentos importantes durante o processo. Entre esses acon-

⁴ Não se pretende argumentar que os acontecimentos aqui descritos explicam, por si só, a natureza das relações entre o Irão e os EUA desde 1979, até porque ocorreram outros eventos importantes, mas relevar a importância do evento como uma interferência por duas grandes potências ocidentais, que contribuiu para uma deterioração dessas relações e que, porventura, marcam o início da deterioração dessas relações.

⁵ A companhia Anglo-Persian Oil Company (APOC) foi uma empresa criada em 1908 com o nome de Anglo Persian Oil Company, após ter sido descoberto um significativo poço de petróleo em Masjed-e Soleiman na província do Arasbistão no Irão, mais tarde chamada de Cuzistão, embora apenas tenha adquirido o nome de Anglo-Persian Oil Company no ano seguinte. Sobre este tema, ver Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), pp. 9-10.

⁶ Este argumento parece ter sido crítico para o Presidente Eisenhower e insere-se na sua estratégia de contenção nesta altura da Guerra-Fria, particularmente tendo também em consideração a Guerra da Coreia (1950-53) e a sua perceção sobre os riscos de um avanço do comunismo soviético e chinês, que levou à utilização da CIA para várias operações secretas. Sobre este tema, ver J. L. Gaddis, *Strategies of Containment: A Critical Appraisal of Postwar American National Security Policy*, (Oxford: Oxford University Press, 2005, pp. 155-157.

tecimentos no decurso da revolução iraniana merece particular destaque a invasão da Embaixada dos EUA em Teerão por estudantes revolucionários, tendo sido feitos reféns cerca de cinquenta e dois norte-americanos no seu interior durante mais de um ano, no que ficou conhecido como “a crise dos reféns”.⁷ Este acontecimento é particularmente significativo no que respeita à visão norte-americana relativamente ao Irão. Mas o sentimento de revolta iraniano contra os EUA e a animosidade das relações teve o seu início em 1953.

Mais ainda, é possível argumentar que, em larga medida, o que ocorreu em 1953 lançou as bases para a revolução em 1979, sendo que nunca é verdadeiramente possível atribuir apenas uma causa a este tipo de acontecimentos, particularmente políticos e desta dimensão. Mas o que importa aqui destacar é que ambos estes eventos merecem ser tidos em consideração quando são analisadas as relações entre o Irão e os EUA.⁸

Assim, o que se segue divide-se da seguinte forma: após uma breve introdução, analisam-se os principais acontecimentos que ocorreram até à nacionalização da Anglo-Iranian Oil Company (AIOC) e as razões que o motivaram. De seguida, considera-se a reação dos países que estiveram na origem do golpe e dos acontecimentos associados. Naturalmente, este estudo não ficaria completo sem uma análise, ainda que sumária, do golpe propriamente dito. Dito isto, não obstante tratar-se de um evento determinante o seu desenvolvimento centrar-se à nos aspetos mais fundamentais do ponto de vista político para a presente análise sem preocupações detalhadas com os detalhes de natureza operacional. Segue-se uma apresentação sobre o que se pode considerar como as principais consequências do golpe de 1953. O trabalho termina com um conjunto de considerações finais, que procuram subli-

⁷ Ver, por exemplo, David Patrick Houghton, *US Foreign Policy and the Iran Hostage Crisis* (Cambridge: Cambridge University Press, 2001).

⁸ É frequente ser dada muita atenção aos acontecimentos que ocorreram durante a Revolução Islâmica em 1979 e à “crise dos reféns”, mas muito menos e, por vezes nenhuma, ao sentimento que o golpe de 1953 gerou no Irão, particularmente na sua população, bem como nas elites políticas não ligadas, ou opositoras, ao Xá.

nhar os pontos mais importantes da análise efetuada e algumas das principais consequências deste golpe, numa tentativa de não repetir os argumentos anteriormente avançados.

Principais momentos e eventos anteriores à nacionalização

No início do Séc. XX, o Irão encontrava-se nos momentos finais da Dinastia Qajar, considerada decadente e o principal peão no Médio Oriente entre os interesses na região de dois impérios em expansão, o Reino Unido e a Rússia.⁹ No entanto, o Xá da Pérsia, Nasir al-Din Shah, que foi assassinado em 1896, tinha conseguido apaziguar a situação entre a Rússia e o Reino Unido, até certo ponto, ao atribuir o mesmo número de concessões a cada um destes países, através de uma política que viria a ser conhecida como “o equilíbrio positivo”.¹⁰

Anos mais tarde, em 1901, o filho de Nasir al-Din’s e seu sucessor, Muzaffar al-Din Shah, concedeu uma concessão de petróleo e gás exclusiva ao especulador britânico, William Knox D’Arcy, por um período de sessenta anos tendo fundamentalmente em consideração o seu próprio interesse e enriquecimento.¹¹ Esta concessão foi obtida através do pagamento de uma soma avultada diretamente para o monarca iraniano. Neste quadro, o governo iraniano apenas recebia 16% dos lucros obtidos com a concessão.

Sete anos mais tarde, e após a descoberta de petróleo em Masjid-e Suleiman, D’Arcy’s, a situação deu frutos ainda maiores do ponto de vista financeiro com as operações da Anglo Persian Oil Company (APOC), que viria a tornar-se a AIOC.¹² Durante os dois anos seguintes, outras concessões acabaram por colocar o

⁹ Apesar da situação ter tido início antes, por volta dos anos 1820. Sobre este tema, ver Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), p. 24. De salientar também que nesta altura o Irão era designado como Pérsia.

¹⁰ Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), p. 38.

¹¹ Stephen Kinzer, *All the Shah’s Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), p. 33.

¹² Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), p. 9.

Irão sob a influência de poderes externos, em particular dos britânicos.

Em 1921, Reza Khan liderou um golpe militar no Irão e em quatro anos pôs fim à dinastia Qajar tornando-se Xá da Pérsia sob o nome e título de Reza Xá Pahlavi. Apesar de ter realizado um conjunto de reformas importantes, fundamentalmente de carácter nacionalista e das quais se destaca pôr termo ao Acordo Anglo-Persa de 1919, continuou a ser instrumental para os interesses britânicos em várias dimensões, tendo assinado várias novas concessões com os britânicos em 1933.¹³ No entanto, e apesar disso, conseguiu preservar a neutralidade do Irão durante a Segunda Grande Guerra, ao ponto de estabelecer ligações económicas com a Alemanha numa tentativa de diminuir a influência britânica e russa no Irão.

Dito isto, após Hitler ter ordenado a invasão da ex-União Soviética, o Reino Unido e a ex-União Soviética invadiram e ocuparam conjuntamente o Irão no seguimento da recusa do Xá de expulsar os alemães e permitir a utilização da ferrovia Trans-Iraniana. Esta última foi um grande projeto de construção ferroviária iniciada em 1927 e concluída em 1938, sob a direção do monarca persa, Reza Xá, e inteiramente financiada com capital iraniano. Esta ferrovia estabelecia a ligação da capital, Teerão, ao Golfo e ao Mar Cáspio. No entanto, com a ocupação acima referida, Reza Xá foi forçado em 1941 a abdicar do trono a favor do seu filho, com apenas vinte e um anos na altura, Mohammad Reza Pahlavi, que não estava totalmente preparado para a responsabilidade.

Nos anos que se seguiram, o Irão continuou a ser um país ocupado por países terceiros, designadamente os russos e os britânicos, com Mohammad Reza Xá a ocupar o trono, mas com estes dois países acima referidos a ditarem as políticas principais tendo em consideração, fundamentalmente, os seus interesses. Esta situação era também favorecida pelo facto de Mohammad Reza Xá não possuir as capacidades de liderança e de impor o respeito e a autoridade como o seu pai tinha conseguido fazer durante a maior parte do tempo enquanto esteve no poder.

¹³ *Ibidem*, pp. 28-29.

Mais ainda, muitos dos dissidentes políticos, entretanto libertados e que tinham sido colocados na prisão por ordens de Reza Xá, iniciaram algumas atividades de oposição ao regime aproveitando-se do descontentamento popular.¹⁴ Particularmente importante nessas atividades estavam dois movimentos recentemente criados e dos quais faziam parte alguns intelectuais formados no estrangeiro, particularmente, em França, e dos quais se destacavam o *Iran Party*¹⁵, de carácter socialista moderado, mas liderado por liberais nacionalistas¹⁶, e o partido *Tudeh*, de tendência marxista e comunista, e apoiante do regime soviético.¹⁷

É neste contexto de maior liberdade que Mohammed Mosaddeq se destacou como político reformista. Mosaddeq era um nacionalista que se tinha fortemente oposto às concessões cedidas aos britânicos em 1933 por Reza Xá, considerando as mesmas como uma continuação das políticas da dinastia Qajar associadas ao “equilíbrio positivo”, acima referido. Diferentemente, Mosaddeq apelou a que os iranianos tomassem conta do seu destino e não concedessem mais concessões especiais a potências externas, pois tal não era do seu interesse. Mosaddeq apelidou esta política de “equilíbrio negativo”.¹⁸

Antes de se tornar primeiro-ministro, Mosaddeq tinha tido cargos públicos, tais como deputado parlamentar, governador provincial e ministro até ter sido forçado a retirar-se por Reza Xá. Era de uma família aristocrata, relacionada com os Qajars¹⁹, mas tinha passado a maior parte da sua vida no serviço público relacionado com causas como estabelecer um sistema de eleições livres e justas, limitar os poderes do monarca a favor da liberda-

¹⁴ Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), pp. 61-64.

¹⁵ Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), p. 50.

¹⁶ Abbas Amanat, *Iran, A Modern History*, (New Haven and London: Yale University Press, 2017), p. 536.

¹⁷ Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), p. 65.

¹⁸ Ervand Abrahamian, *A History of Modern Iran*. (Cambridge: Cambridge University Press, 2008), p. 114.

¹⁹ Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), pp. 31-33.

de de imprensa e a implementação de uma constituição livre e democrática.²⁰ De salientar, por exemplo, que Mosaddeq admirava o sistema constitucional do Reino Unido, não obstante se opor veementemente ao imperialismo britânico.²¹ Sam Falle, um diplomata do British Foreign Office, fez notar que Mosaddeq recebeu

... imenso apoio popular porque era um demagogo brilhante e um sincero e honesto patriota. Ele era não-violento e verdadeiramente uma fonte de poder porque o povo o amava, queria-o e via nele uma espécie de Mahatma Gandhi iraniano.²²

Este último aspeto merece destaque, pois é um elemento adicional de suporte ao argumento de que o lhe aconteceu subsequentemente gerou um sentimento de revolta no seio do povo iraniano.

Seja como for, a situação política alterou-se significativamente quando, em 1949, ocorreu uma tentativa de assassinato contra a vida de Muhammad Reza Xá. Isso deu ao Xá a justificação política para instaurar a lei marcial e perseguir os opositores políticos, muito particularmente, os pertencentes ao Partido *Tudeh* e ao partido anti secular *Fedayan-e Eslam*.

No mesmo ano, Mosaddeq criou o partido *National Front*, dos quais seis membros foram eleitos para o *Majlis*, isto é, para o Parlamento iraniano.²³ De salientar também que, nessa altura, o Xá tentava desesperadamente fazer aprovar o Acordo Suplementar no *Majlis*, que consistia numa revisão da concessão petrolífera com a AIOC de 1933.²⁴

²⁰ Ibidem, p. 54.

²¹ Ibidem, p. 37.

²² Citado em Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), 52.

²³ Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), pp. 71-72.

²⁴ Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), p. 68.

Esta revisão continha um aumento dos pagamentos efetuados ao Irão, mas não o suficiente para alterar a posição dos nacionalistas que pretendiam uma nacionalização da empresa, dar mais voz aos iranianos na gestão da companhia e implementar a possibilidade de auditarem as contas. De forma a conseguir que a revisão fosse aprovada, o Xá procedeu a várias alterações de políticas leis à sua visão e a subornos. Adicionalmente, e por exigência dos britânicos, nomeou vários primeiros-ministros a prazo para depois terminar com o General Ali Razmara, que se considerou ser suficientemente forte para fazer face a Mosaddeq e aos nacionalistas.²⁵ Naturalmente, estes últimos opuseram-se fortemente à sua nomeação, mas o Acordo suplementar acabou por ser aprovado pelo governo.

No dia 7 de março de 1951, altura em que o Xá estava sob forte pressão por parte dos britânicos para que o Acordo Suplementar fosse ratificado pelo *Majlis*, e em que ocorria um intenso debate no *Majlis* relativamente ao acordo, o primeiro-ministro Razmara foi assassinado por membros do partido *Fedayan-e Eslam*.²⁶ No dia seguinte, Mosaddeq, que entretanto tinha adquirido o apoio do partido *Tudeh* e dos Islamistas Nacionalistas, liderou a Comissão Petrolífera do *Majlis*²⁷ e o Acordo Suplementar foi rejeitado por unanimidade.²⁸

Em abril do mesmo ano, Mosaddeq tornou-se primeiro-ministro, tendo por base a promessa de que libertaria o Irão do imperialismo britânico, e no dia 1 de maio de 1951 anunciou que o *Majlis* tinha aprovado a nacionalização através da aprovação do *Nationalization Act*, substituindo a AIOC pela National Iranian Oil Company (NIOC). De seguida, em outubro, todos os britânicos foram expulsos do Irão e, nesse mesmo ano, a fotografia de Mohammed Mosaddeq era capa na revista *Time* enquanto “Homem do ano”.²⁹

²⁵ *Ibidem*, p. 73.

²⁶ Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), p. 62.

²⁷ Em inglês, *Majlis' Oil Committee*.

²⁸ *Ibidem*, 63.

²⁹ Moyara De Moraes Ruehsen, “Operation ‘Ajax’ Revisited: Iran, 1953,” in *Middle Eastern Studies* (1993), pp. 467-8.

A reação à nacionalização da Anglo-Iranian Oil Company (AIOC)

Os custos financeiros da nacionalização da AIOC para o Reino Unido foram consideráveis. Em 1949-50, os lucros tinham atingido os 48 milhões de libras esterlinas.³⁰ Mas em julho de 1952, após a decisão do Tribunal Internacional de Justiça da Organização das Nações Unidas de que a disputa entre um Estado soberano e uma sociedade privada estava fora da sua jurisdição, o Reino Unido decidiu congelar 25 milhões de libras esterlinas de ativos iranianos, o que teve um efeito semelhante a um embargo comercial³¹, e instalar navios de guerra no Golfo ameaçando proibir que os navios de transporte de petróleo saíssem do Irão.³²

Na verdade, as forças armadas de Sua Majestade tinham inclusivamente desenhado um plano de invasão e ocupação do Irão, mas que acabou por ser posto de parte por não ter existido apoio por parte do Pentágono norte-americano, e de se ter receado que tal ação poderia desestabilizar ainda mais a região e conduzir a um confronto armado com a ex-União Soviética. Esta última questão era uma forte possibilidade dado que o Tratado de Amizade de 1921 autorizava a ex-União Soviética a intervir militarmente no caso de uma invasão do Irão³³ e, por essa razão, uma ação militar direta foi considerada demasiado arriscada.³⁴ Nessas condições, os EUA procuraram assumir um papel de mediação. No entanto, rapidamente constataram que Mosaddeq não tinha qualquer intenção de negociar e chegar a um compromisso em relação à questão do petróleo.³⁵

³⁰ Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), p. 109.

³¹ *Ibidem*, p. 113.

³² Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), p. 81.

³³ Steve Marsh, "Continuity and Change: Reinterpreting the Policies of the Truman and Eisenhower Administrations toward Iran, 1950-1954". *Journal of Cold War Studies* (2005), p. 85.

³⁴ Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), p. 114.

³⁵ Moyara De Moraes Ruehsen, "Operation 'Ajax' Revisited: Iran, 1953," in *Middle Eastern Studies*

É nesse contexto que, em resposta às dificuldades encontradas, os britânicos consultaram os EUA sobre a possibilidade de, conjuntamente, organizarem um golpe secreto. Inicialmente, e por questões de princípio, apesar de preocupado com os efeitos e as consequências da nacionalização, o Presidente Truman opunha-se ao imperialismo britânico e, conseqüentemente, não aprovou a ideia britânica. Inclusive, o Departamento de Estado norte-americano³⁶ emitiu uma declaração pouco tempo depois da nacionalização, referindo que os EUA: “reconhecem integralmente os direitos soberanos do Irão e estão solidários com o desejo do Irão de aumentar os seus benefícios para esse país derivados do desenvolvimento do seu petróleo”.³⁷

Por essa razão também, os EUA continuaram a pressionar os britânicos para negociarem um acordo justo com Mosaddeq.³⁸ De seguida, em agosto de 1952, o Irão viu ser-lhe apresentado aquilo que ficou conhecido pela Proposta Truman-Churchill, que propunha aumentar os pagamentos de *royalties* relativas ao petróleo e incluía um empréstimo imediato por parte dos EUA. Mosaddeq rejeitou a proposta de imediato e as relações diplomáticas entre o Irão e o Reino Unido entraram em rotura total.

Sendo 1952 um ano de eleições nos EUA, em janeiro de 1953 Dwight Eisenhower iniciou o seu mandato como 34^o Presidente dos EUA. Assim sendo, os britânicos consideraram que tinham uma nova oportunidade de sondar a questão do golpe secreto conjunto com os EUA, anteriormente apresentado a Truman e rejeitado pelo mesmo. Para esse efeito, em alternativa a argumentar a favor de direitos imperiais, como tinha acontecido com Truman, a lógica centrou-se no lançamento do espectro do comunismo e da sua difusão e expansão pelo Médio Oriente.

(1993), pp. 468-469.

³⁶ No original, ‘U.S. State Department’.

³⁷ Stephen Kinzer, *All the Shah’s Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), p. 92. No original, “fully recognize the sovereign rights of Iran and sympathize with Iran’s desire that increased benefits accrue to that country from the development of its petroleum”.

³⁸ *Ibidem*, p. 93.

Esta questão foi determinante pois a política das administrações de Truman e de Eisenhower em relação ao Irão não eram muito diferentes e foi essencialmente o timing e a intensificação das circunstâncias que fizeram com que o Presidente Eisenhower concordasse cooperar com os britânicos. Sete meses após a sua tomada de posse, o Presidente Eisenhower autorizou a intervenção no Irão por parte da CIA.³⁹

Nesta altura, durante os anos 1950, mas com início no fim da década anterior, os EUA viviam um período conturbado com o Macarthismo, com a sua perseguição aos comunistas nos EUA e a tudo o que fosse possível catalogar como tendo ligações às teses e ideias comunistas. A obsessão e o receio de uma difusão do comunismo era muito grande.⁴⁰ Nesse contexto, toda a lógica estratégica de posicionamento dos EUA no Médio Oriente desde o fim da 2ª Grande Guerra orientava-se por garantir acesso e controlo sobre recursos energéticos, muito particularmente, o petróleo.⁴¹ Para além disso, o embargo comercial britânico ao Irão por causa na nacionalização da AIOC tinha, em 1953, consequências socioeconómicas muito negativas para o país. Nessas condições, os EUA começaram a considerar que o risco de o Irão se tornar um país comunista estava a aumentar consideravelmente.⁴²

Assim, o Presidente Eisenhower receava que o Irão “fosse pelo mesmo caminho que a China”.⁴³ No entanto, tendo em consideração o desgaste que a Guerra da Coreia tinha provocado de 1950 a 1953 nas forças militares norte-americanas, receava entrar numa nova guerra, particularmente, em confrontação com a ex-União Soviética. Para além disso, havia a questão das relações e

³⁹ Steve Marsh, “Continuity and Change: Reinterpreting the Policies of the Truman and Eisenhower Administrations toward Iran, 1950-1954”. *Journal of Cold War Studies* (2005), pp. 79-80.

⁴⁰ Moyara De Moraes Ruehsen, “Operation ‘Ajax’ Revisited: Iran, 1953,” in *Middle Eastern Studies* (1993), pp. 468-9.

⁴¹ Steve Marsh, “Continuity and Change: Reinterpreting the Policies of the Truman and Eisenhower Administrations toward Iran, 1950-1954”. *Journal of Cold War Studies* (2005), p. 79-80.

⁴² Steve Marsh, “Continuity and Change: Reinterpreting the Policies of the Truman and Eisenhower Administrations toward Iran, 1950-1954”. *Journal of Cold War Studies* (2005), p. 88.

⁴³ Moyara De Moraes Ruehsen, “Operation ‘Ajax’ Revisited: Iran, 1953,” in *Middle Eastern Studies* (1993), p. 470. No original, “go the way of China,”

do posicionamento do Reino Unido, aliado tradicional dos EUA. De qualquer forma, no entendimento do Presidente Eisenhower era importante conseguir-se uma solução que permitisse o restabelecimento da economia iraniana, que afastasse a possibilidade de o país se tornar comunista e que se mantivessem as relações com o Reino Unido.⁴⁴ Outros fatores podem ter sido importantes, designadamente, o facto de Mosaddeq tentar contrariar o embargo comercial britânico anunciando descontos no preço do petróleo para quem adquirisse petróleo iraniano, o que levou a que alguns economistas receassem os efeitos desse *dumping*⁴⁵ na economia.⁴⁶

Aumentou também o sentimento antiamericano no Irão, particularmente, após a publicação de uma carta no jornal norte-americano *The New York Times* apelando a uma invasão conjunta do Irão, pelos EUA e pelo Reino Unido. A resposta iraniana não se fez esperar e chegou através de uma publicação no *Democrat Islami* referindo,

Expulsaremos os americanos da mesma forma que não permitiremos um grupo de espões fazendo-se de conselheiros para minarem o nosso país e treinarem um bando de traidores na tentativa de nos roubarem a nossa independência e os nossos recursos.⁴⁷

Com base na deterioração da situação, em julho de 1953, o Presidente Eisenhower autorizou a Operação TP-AJAX.⁴⁸

⁴⁴ Steve Marsh, "Continuity and Change: Reinterpreting the Policies of the Truman and Eisenhower Administrations toward Iran, 1950-1954". *Journal of Cold War Studies* (2005), p. 82.

⁴⁵ Por *dumping* entende-se a venda a preços bastante abaixo do preço de custo ou, alternativamente, de mercado.

⁴⁶ Moyara De Moraes Ruehsen, "Operation 'Ajax' Revisited: Iran, 1953," in *Middle Eastern Studies* (1993), p. 471.

⁴⁷ Ruehsen Moyara De Moraes, "Operation 'Ajax' Revisited: Iran, 1953," in *Middle Eastern Studies* (1993), p. 474. No original, "We shall kick Americans out as we shall not allow a group of spies posing as advisors to undermine our country and train a band of traitors in an attempt to rob us of our independence and natural resources".

⁴⁸ Donald Wilber, *Clandestine Services History, Overthrow of Premier Mossadeq of Iran: November 1952 - August 1953*, (1951), iii.

O golpe propriamente dito

A operação realizada pela CIA — a operação AJAX — tinha como condição que os britânicos garantissem por escrito a sua intenção de porem termo à crise do petróleo.⁴⁹ Já nos finais de 1952, a CIA tinha enfatizado o risco do Irão passar para o lado soviético.⁵⁰ O objetivo explícito da operação era deitar abaixo o regime de Mosaddeq e reinstalar o Xá como líder do país de forma a permitir o desenvolvimento considerado equilibrado do Irão, e que “perseguisse com vigor o perigoso Partido Comunista”.⁵¹ O esquema consistia basicamente numa operação envolvendo agentes da CIA e do SIS para desenvolverem uma campanha de descredibilização do governo de Mosaddeq em Teerão. Do mesmo modo, e em simultâneo, ocorreriam ações nos EUA, designadamente a publicação a 9 de julho de 1953 de uma carta enviada por Eisenhower a Mosaddeq, datada de 29 de junho de 1953, informando de uma forma clara que o Irão não receberia ajuda financeira tendo o governo de Mosaddeq.⁵²

Kermit Roosevelt, neto do Presidente Theodore Roosevelt, foi o líder da operação⁵³ e quem geriu os esforços da CIA no sentido de garantir que os militares iranianos apoiariam o golpe. A participação do Xá foi considerada essencial e, por essa razão, a CIA recrutou a irmã do Xá, a Princesa Ashraf Pahlavi.⁵⁴ Para além disso, o General H. Norman Schwarzkopf, anterior chefe da missão da Guarda norte-americana no Irão foi a Teerão para se encontrar com o Xá, que já conhecia e que tinha a sua confiança. Ambos convenceram o Xá a assinar *firman*s⁵⁵ que destituíam Mosaddeq e nomeavam o General Fazlollah Zahedi — o homem escolhido pela CIA como primeiro-ministro. Este último, munido com os *firman*s e tendo o

⁴⁹ Ibidem, Summary e v e vi.

⁵⁰ Ibidem, Summary e iii.

⁵¹ Ibidem, Summary e iii e iv. No original, “vigorously prosecute the dangerously strong Communist Party”.

⁵² Donald Wilber, *Clandestine Services History, Overthrow of Premier Mossadeq of Iran*, (1951), Summary, ix.

⁵³ Donald Wilber, *Clandestine Services History, Overthrow of Premier Mossadeq of Iran*, (1951), III, p. 12.

⁵⁴ Ibidem, Summary, viii.

⁵⁵ Os *firman*s são decretos reais.

apoio das forças armadas entrou em Teerão, prendeu vários oficiais e políticos apoiantes de Mosaddeq, demitiu o próprio Mosaddeq, prendeu-o domiciliariamente e tomou conta do governo.⁵⁶

Principais consequências do golpe

A prisão domiciliária de Mohammad Mosaddeq durou até à sua morte em 1967. Por seu lado, Mohammad Reza Pahlavi retomou o seu lugar no trono assumindo poderes absolutos. A década que se seguiu foi um período de crescente repressão por parte do Xá, que foi muito apoiada pela ajuda financeira dos EUA, no montante de mil milhões de dólares norte-americanos, e em que ninguém no Irão se atrevia a contestar o seu poder.⁵⁷ A polícia secreta iraniana, a SAVAK (*Sazeman-e Ettela'at va Amniyat-e Keshvar*) criada em 1957 com a ajuda da Mossad e da CIA foi instrumental para o Xá controlar os seus opositores. No entanto, já antes da sua criação em 1953, mais de duas mil pessoas tinham sido presas até ao final desse ano.⁵⁸ Não obstante, da mesma forma que o golpe tinha dado novamente o poder ao Xá e lhe permitiu reinar durante os trinta anos seguintes, acabou também por deslegitimar o seu reinado em relação ao povo iraniano, o que, até certo ponto e em determinada medida, resultou também na revolução que ocorreu em 1979 e que destronou Mohammad Reza Pahlavi.⁵⁹

Assim sendo, é possível argumentar que o golpe de 1953, ao destituir do poder Mohammad Mosaddeq, considerado um político que pretendia transformar o Irão numa democracia representativa e fomentar o desenvolvimento do país, lançou a semente para a revolução de 1979. De relevar que, já antes desse momento em 1953, o Reino Unido era visto de uma forma negativa no Irão por

⁵⁶ Donald Wilber, *Clandestine Services History, Overthrow of Premier Mossadeq of Iran*, (1951), Summary, xii.

⁵⁷ Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), p. 202.

⁵⁸ Michael Axworthy, *Revolutionary Iran: A History of the Islamic Republic*, (Cary: Oxford University Press, 2013), pp. 58-59.

⁵⁹ Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), p. 206.

causa das suas ambições de poder e influência colonizadora. Por essa razão também, a interferência dos EUA nos assuntos internos do Irão para apoiar a monarquia e afastar o primeiro-ministro Mohammed Mosaddeq, que era considerado um democrata no Irão, levou a um sentimento de revolta contra os EUA, mais precisamente, um sentimento antiocidental desde então e que perdura nos nossos dias, muito particularmente, desde a Revolução Islâmica de 1979, com uma tensão quase permanente. Isto contrasta com a situação anterior ao golpe em que os EUA eram considerados um país amigo e que se posicionava contra o imperialismo.

Segundo Monty Woodhouse, o agente britânico que propôs a operação TP-AJAX (conhecida inicialmente pelos britânicos como 'Operação Boot'):

É fácil de ver a Operação Boot como o primeiro passo para a catástrofe iraniana de 1979... O que não antecipámos foi que o Xá ganharia nova força e a usaria de forma tão tirânica, nem que o Governo norte-americano e o Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico falhariam tão drasticamente em mantê-lo numa rota razoável. Na altura, estávamos simplesmente aliviados pelo facto de a ameaça aos interesses britânicos ter sido afastada.⁶⁰

De facto, logo após a Revolução Islâmica em 1979 que o golpe de 1953 foi publicitado como um símbolo da interferência externa ocidental contra o Irão e como uma justificação para todo um conjunto de medidas de tipo marcial. Na altura da Revolução Islâmica de 1979 ocorreram várias manifestações onde foram mostradas fotografias de Mosaddeq como um símbolo contra o Xá e o regime deste último considerado ilegítimo. Da mesma forma, o

⁶⁰ Citado em Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), pp. 200-201. No original; "It is easy to see Operation Boot as the first step towards the Iranian catastrophe of 1979... What we did not foresee was that the Shah would gather new strength and use it so tyrannically, nor that the U.S. government and the Foreign Office would fail so abjectly to keep him on a reasonable course. At the time we were simply relieved that the threat to British interests had been removed."

primeiro presidente da República Islâmica do Irão, Abul-Hussein Bani-Sadr, colocou o golpe de 1953 e a reprivatização da indústria do petróleo no topo da lista dos “cinquenta actos de traição em cinquenta anos de tirania”.⁶¹

Indubitavelmente, o golpe de 1953 no Irão criou um mal-estar político e psicológico no país que tem atravessado gerações.⁶² Adicionalmente, o Ayatollah Ali Khamenei, que se tornou mais tarde o segundo Grande Líder da República Islâmica a seguir ao Ayatollah Khomeini, argumentou que o golpe contra Mosaddeq era justificação para algum radicalismo e brutalidade por causa da tirania e da traição ocorridas no passado.⁶³ Inclusive, após a Revolução Islâmica o Ayatollah Khomeini, decidiu pela criação do Exército dos Guardiães da Revolução Islâmica⁶⁴, com o objetivo de proteger a revolução dos militares corruptos argumentando que a CIA tinha conseguido o golpe de 1953 com a ajuda do exército regular iraniano, justificando desse modo a criação de um exército sob as suas ordens.⁶⁵ Por seu lado, o povo iraniano tomou consciência logo após o golpe contra Mossadeq de que este tinha sido orquestrado por potências estrangeiras, o que causou revolta.⁶⁶ No seguimento da Revolução Islâmica em 1979, o Xá foi autorizado a partir para os EUA, mas existiam receios de que pudesse ocorrer um golpe semelhante ao de 1953 o que deu lugar à crise dos reféns na Embaixada norte-americana em Teerão por mais de um ano.⁶⁷

⁶¹ Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), p. 218. No original, “fifty acts of treason in fifty years of tyranny.”

⁶² Ali Rahnema, *Behind the 1953 Coup in Iran: Thugs, Turncoats, and Spooks* (Cambridge: Cambridge University Press, 2015), p. 294.

⁶³ Ervand Abrahamian, *The Coup: 1953, The CIA, and the Roots of Modern U.S.-Iranian Relations* (New York: The New Press, 2013), p. 218. No original, “fifty acts of treason in fifty years of tyranny.”, p. 203.

⁶⁴ No original, *Sepah Pasdaran*.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 219.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 211.

⁶⁷ Stephen Kinzer, *All the Shah's Men: An American Coup and the Roots of Middle East Terror* (Hoboken, New Jersey: J. Wiley & Sons, 2003), p. 204.

Considerações Finais

O golpe de 1953 foi um momento de viragem e com consequências duradouras na situação política interna do Irão. A influência de potências externas na política interna do Irão, através de um golpe de Estado no Irão para depor o primeiro-ministro democraticamente eleito da altura, Mohammed Mosaddeq, dificilmente deixaria de ter esse tipo de impacto tendo em consideração a natureza da sociedade iraniana.

O golpe foi determinante para uma alteração duradoura nas relações entre o Irão e as potências ocidentais, muito particularmente com os EUA. Isto porque, pese embora o golpe tenha sido uma iniciativa do Reino Unido a realidade era que as relações do Irão com este último país já estavam debaixo de grandes tensões motivadas pelos interesses do Reino Unido no Irão, muito particularmente em relação ao petróleo. Por essa razão, a maior surpresa veio do lado dos EUA, um país que era considerado na altura pelo Irão como um país amigo e um aliado e que, pelas suas políticas e discursiva indiciava assumir uma postura anticolonial e anti-imperialista. É por esse motivo que o apoio dos EUA ao Reino Unido, para não referir a sua participação no golpe como um parceiro determinante, foi considerada uma traição no Irão e colocou esse país debaixo de suspeita, que se tem mantida até aos dias de hoje.

As análises relativas às relações entre o Irão e os EUA tendem a acentuar a ocupação da Embaixada dos EUA em Teerão que ocorreu em 1979, com consequências de grande impacto até aos nossos dias, como as causas explicativas das más relações entre esses dois países. Certamente que, do ponto de vista norte-americano, essa ocorrência é ainda nos dias de hoje um trauma de natureza político que impede qualquer progresso nas relações bilaterais entre os dois países. Mais ainda, tem influenciado e condicionado de forma determinante a política norte-americana no Médio Oriente.

Mas o que ressalta de tudo isto é que, uma análise mais cuidada da história das relações entre os EUA e o Irão não deve excluir

a participação dos EUA no golpe de 1953 pois, em larga medida, o seu impacto nas relações entre o Irão e os EUA foi determinante no sentido de ferir a confiança entre esses dois países. Isto, muito antes do que se passou a seguir a essa data que, certamente, também teve a sua influência.